



Retroflexo: O que pensam usuários e não-usuários dessa variante rótica?

Vanderci de Andrade Aguilera³, Flávia Pereira Serra^{2*} e Otávio Felipe Carneiro³

¹Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. ²Instituto Federal do Maranhão, Av. Getúlio Vargas, 04, 65030-005, Monte Castelo, São Luís, Maranhão, Brasil. ³Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: flavia.serra@ifma.edu.br

RESUMO. Dos muitos ‘erres’ falados no Brasil, destaca-se o retroflexo, típico dos sotaques das regiões do interior de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, entre outros. Estudos como os de Castro (2006, 2012), Brandão (2007), Aguilera e Silva (2011), Silva (2012, 2016), Silva e Aguilera (2014) e Aguilera (1994, 2012) demonstram a distribuição areal dessa variante, que se expande por diversas regiões brasileiras, e discutem a aceitabilidade ou não-aceitabilidade de sua realização pelos próprios usuários ou por falantes de outras variantes. Conhecida popularmente como ‘R caipira’, foi qualificada por muito tempo de forma negativa e tratada como inferior às demais. À vista disso, buscamos apresentar uma análise das crenças e atitudes de falantes usuários e não-usuários do rótico retroflexo a partir de um teste de modelo Verbal Guise (Huygens & Vaughan, 1983; Garret, 2010) aplicado a 20 maranhenses, não falantes do R retroflexo, e 20 paranaenses usuários do R caipira. Anexado ao questionário, on-line, havia dois áudios, um de falar maranhense e outro paranaense, os quais foram utilizados como base para os entrevistados responderem às doze perguntas com escalas de diferenciais semânticos (Gómez Molina, 1998 apud Sancho Pascual, 2013), organizadas com base na Competência pessoal, Integridade pessoal e Relação social (Lambert & Lambert, 1972). Os dados foram analisados com auxílio do programa computacional IBM SPSS Statistics 22, que forneceu as médias referentes aos dados: gerais, de localidade e de categorias. Os resultados obtidos mostraram que os entrevistados apresentam atitudes positivas em relação aos seus próprios falares. Entretanto, os paranaenses se mostraram mais críticos, o que, de certa forma, evidencia mais crenças negativas do que os maranhenses, principalmente em relação ao falar do outro.

Palavras-chave: sociolinguística; crenças e atitudes; /R/ retroflexo.

Retroflex R: What do users and non-users think of this rhotic variant?

ABSTRACT. Of the many ‘r’s’ spoken in Brazil, the retroflex stands out, typical of the accents of the interior regions of the State of São Paulo, Paraná, and Mato Grosso do Sul, among others. Studies such as those by Castro (2006, 2012), Brandão (2007), Aguilera e Silva (2011), Silva (2012, 2016), Silva e Aguilera (2014) e Aguilera (1994, 2012) demonstrate the areal distribution of this rhotic variant, which expands across several Brazilian regions and discuss the acceptability or non-acceptability of its realization by the users themselves or by speakers of other variants. Popularly known as ‘R caipira’, it was qualified for a long time in Brazilian society in a negative way and treated as inferior to the others. Therefore, we seek to present in this work an analysis of the beliefs and attitudes of users and non-users of retroflex rhotic speakers from a Verbal Guise Test (Huygens & Vaughan, 1983; Garret, 2010) sent, through Google Forms, to 20 people from Maranhão, non-speakers of retroflex R, and for 20 people from Paraná, users of hick R. Attached to the online questionnaire, there were two audios, one spoken by a person from Maranhão and the other from Paraná, which were used as a basis for the interviewees to answer the 12 questions with semantic differential (Gómez Molina, 1998 apud Sancho Pascual, 2013) scales organized into Personal competence, Personal integrity and Social relations (Lambert & Lambert, 1972). The data was analyzed using the IBM SPSS Statistics 22 computer program, which provided the averages for general, locality and data categories. The results showed that the interviewees have positive attitudes towards their speech. However, people from Paraná were more critical, which, in a way, shows more negative beliefs than people from Maranhão, especially about other linguistic varieties.

Keywords: sociolinguistics; beliefs and linguistics attitudes; retroflex /R/.

Received on June 23, 2024.

Accepted on March 6, 2025.

Introdução

O estudo de crenças e atitudes linguísticas tem ganhado espaço e conquistado o interesse de pesquisadores que buscam descobrir o que há por trás da escolha de uma variante linguística em detrimento de outra. Assim, pesquisas vêm sendo realizadas, principalmente no âmbito fonético-fonológico, com o intuito de investigar quais crenças existem no imaginário dos falantes de uma comunidade que os levam a rechaçar ou aceitar determinada variante.

Dentre as variantes fonéticas presentes no português brasileiro, destacamos o ‘R retroflexo’, também conhecido como ‘R caipira’, caracterizado pelo movimento que o dorso da língua faz em direção ao palato duro, e que pode ocorrer nas posições inter e pós-vocálica. Segundo Amadeu Amaral (1920), essa é uma das variantes que caracterizava, na década de 1920, o dialeto caipira do interior do Estado de São Paulo. No entanto, estudos de Brandão (2007), Castro (2006, 2012), Aguilera e Silva (2011), Aguilera (1994, 2012), Silva (2012, 2016), Silva e Aguilera (2014), Paes (2014) e Aguilera et al. (2023), entre outros, comprovam que o *R retroflexo*, além de se disseminar pelo território paulista, acompanhou a rota dos bandeirantes e dos tropeiros, tornando-se recorrente também em algumas regiões do Estado de Minas Gerais, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, de Goiás, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e de Rondônia (Aguilera et al., 2023).

No Paraná, o *R caipira*, em coda silábica¹, distribui-se por todas as regiões. A maior concentração, segundo os dados do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) ocorre na região Norte, no Litoral e no Centro do Estado, como se pode verificar nas cartas 102 (terça-feira), 104 (árvore), 109 (pernilongo), 111 (hortelã), 112 (borboleta) do ALPR, entre outras. Nesse contexto, o *R tepe*² é mais frequente nos pontos do Sul e do Sudoeste, embora não seja categórico, a não ser em Guaíra (ponto 27) e em Marechal Cândido Rondon (ponto 32). Na posição intervocálica, os casos do ‘R retroflexo’ são menos recorrentes, conforme atestam os nove registros na carta 158 (parteira), quatro nas cartas 117 (baixeiro) e 154 (clara), três registros na carta 93 (garapa).

Estudos como os de Silva (2012) e de Botassini (2013) apontam que, apesar de ser característico principalmente do Brasil meridional, essa variante é, por vezes, desvalorizada pelos brasileiros, provavelmente pelo fato de seu uso estar associado a um falar rural e desprestigiado. Basta verificar a assertiva de Tarallo, ao tratar do estatuto das variantes: “[...] Como exemplo de estereótipo, procure uma variante estigmatizada (ou não) que seja de domínio público. Em suma, pense no /r/ caipira do interior do Estado de São Paulo” (Tarallo, 2006, p. 62).

Botassini (2013), analisando as crenças e as atitudes de três grupos de falantes moradores na cidade de Maringá-PR (naturais da localidade paranaense, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul), sobre o uso dos róticos, constatou que parte dos usuários do ‘R retroflexo’, no caso os maringaenses investigados, estigmatizam esse rótico. A autora conclui que:

[...] a estigmatização da linguagem não é uma prática unilateral, que se restringe às atitudes preconceituosas do outro; ela se manifesta na própria rejeição do norte-paranaense, que tem vergonha de seu modo de falar e que internaliza o preconceito alheio, reproduzindo-o [...] é possível que o /r/ retroflexo não seja um fenômeno estigmatizado no sentido que Labov (2008) toma o termo, já que, mesmo depois de tantos anos da previsão de seu desaparecimento por Amadeu Amaral, continua “Muito bem, obrigado!” (Botassini, 2013, p. 217).

No entanto, com o crescente consumo de músicas sertanejas e a configuração do ‘novo caipira’ (Picinato, 2013), entre outros fatores, notamos uma crescente aceitação do dialeto caipira, especialmente em centros urbanos e na mídia falada, de modo geral.

Com vistas a verificar o que pensam os falantes atualmente sobre essa variante, investigamos, com este trabalho, as crenças e atitudes acerca do ‘R caipira’ em duas áreas: uma região da qual ele é característico e outra onde esse rótico não se realiza entre os falantes autóctones. Propomos, assim, contrastar os dados e verificar se há diferença de crenças e de atitudes entre usuários e não-usuários do R-retroflexo. Esses dados são analisados em contraposição à variante glotal³, não estigmatizada nas localidades consideradas para a investigação.

¹ O termo coda silábica refere-se à sequência final dos segmentos consonânticos de uma sílaba.

² Tepe (ou vibrante simples): Fone ou som produzido quando a língua toca rapidamente o alvéolo ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca. Ocorre no Português, por exemplo, em: tira, cruz e certo (em determinadas variedades).

³ Glotal: variante rótica em que o som é articulado no início da laringe, imediatamente após a glote.

Róticos no Português Brasileiro: o caso da variante retroflexa

A língua é um instrumento de interação humana que carrega valores, culturas, costumes e ideologias de um povo. A sociedade brasileira é constituída por uma miscigenação de raças e etnias de diferentes nações, que trouxeram para o país suas peculiaridades, as quais, conseqüentemente, influenciaram o desenvolvimento político, econômico, sociocultural e linguístico. Dessa forma, o Brasil é formado por uma hibridização cultural de vários povos que estão distribuídos em suas diversas regiões (Flach, 2012).

O léxico da língua portuguesa presente no Brasil agrega elementos interculturais dos povos nativos, dos colonizadores e das diversas inferências sociais ocorridas ao longo do tempo (Romano & Isquerdo, 2007). De acordo com Romano e Seabra (2014), o léxico do português brasileiro ainda apresenta variação de diversas naturezas, das quais destacamos a geográfica, que evidencia diferenças diatópicas, isto é, diferenças de uma localidade ou de uma região para outra.

Isso foi notado por Amaral (1920) no início do século XX, que destacou a existência de um R específico do Brasil e muito semelhante ao da língua inglesa, porém mais intenso. Amaral (1920) o incluiu como uma das características do ‘dialeto caipira’, isto é, uma marca do caipirismo presente no ‘R retroflexo’. Segundo o pesquisador, tal rótulo possui as seguintes particularidades:

[...] linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema (Amaral, 1920, p. 5).

Nesse mesmo período, Amaral (1920) apontou que o ‘R retroflexo’ iria se extinguir devido ao intenso processo de êxodo rural, uma vez que os povos que moravam na zona rural, classificados como caipiras, estavam buscando melhores condições de vida nas cidades. Acreditava-se, pois, que a identidade cultural do caipirismo seria perdida, pois tais indivíduos abandonariam seus valores e costumes para viver na zona urbana e, conseqüentemente, se relacionariam com pessoas de diferentes níveis de escolaridade, sujeitos que trabalham no comércio, em restaurantes, escolas, indústrias, entre outros. Nas palavras de Amaral (1920, p. 11, grifo do autor):

[...] essa evolução já não será a do dialeto ‘caipira’. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

Pesquisas mais recentes (Aguilera e Silva, 2011; Silva 2012, 2016) revelam que Amaral (1920) estava equivocado. De acordo com essas pesquisadoras, o *Atlas Linguístico de Sergipe*, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, o *Atlas Linguístico do Paraná* e o *Atlas Linguístico da Região Sul do Brasil* apresentam, nesses Estados, pontos de vigência do ‘R retroflexo’.

A Figura 1, extraída de Brandão (2007), ilustra o mapa do Brasil indicando os Estados em que o ‘R retroflexo’ foi registrado. Depois de analisar dezenas de obras sobre os caminhos dessa variante, Brandão (2007) mostra a presença desse rótico em 14 estados brasileiros. A pesquisadora alerta, porém, que naquele mapa estão assinalados os “[...] Estados em que se conhecem registros de -R retroflexo, sem levar em consideração as suas áreas específicas de ocorrência ou seu maior ou menor índice de frequência” (Brandão, 2007, p. 279).

Observamos que todos os estados das regiões Sul e Centro-Oeste apresentam tal variante. Na região Sudeste, está presente em quase todos os estados, exceto no Espírito Santo, enquanto no Norte e no Nordeste foi registrado apenas no Pará, Paraíba, Sergipe e Bahia. De acordo com Romano e Seabra (2014), fatores sócio-históricos justificam essa distribuição visto que a região Sul e grande parte do estado de São Paulo foram influenciadas pelo Tropeirismo e pela ação dos bandeirantes. A região Centro-Oeste, por sua vez, em momentos distintos, foi influenciada pelos dois movimentos (Bandeirantismo e Tropeirismo) e, mais recentemente, pela Marcha para o Oeste, a partir da década de 1950. As levas de migrantes, cafeicultores mineiros e paulistas, durante o final do século XIX e início do XX, foram os principais responsáveis pela disseminação do ‘R caipira’ pelo Norte do Paraná.



Figura 1 Presença do R retroflexo nos estados brasileiros.

Fonte: Brandão (2007, p. 280).

A tese de Silva (2016), baseada em dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, coletados em 80 localidades na fala de 336 informantes do interior e das capitais do Sudeste, confirma a forte presença desse rótico no espaço do estado de São Paulo e no sul de Minas Gerais. Nas palavras de Silva (2016), tratando da distribuição areal dos róticos glotal e retroflexo, temos:

[...] Acreditamos que a coocorrência dessas duas variantes e suas respectivas delimitações geográficas ratificam, segundo os dados desta tese, parte da divisão dialetal proposta por Nascentes (1953). Neste caso, o subfalar ‘fluminense’, apresenta como norma o /r/ glotal e o subfalar ‘sulista’, nas localidades analisadas, tem como norma o /r/ caipira (Silva, 2016, p. 117, grifo do autor).

Recorrendo às cartas F04 C5 e F04 C6, do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso et al, 2014)⁴, que tratam da presença/ausência e da natureza do rótico em coda interna em dados das capitais, confirmamos a presença da retroflexa majoritariamente em Cuiabá, Campo Grande e em concorrência com a glotal em Goiânia, na Região Centro-Oeste. Nas capitais São Paulo e Curitiba, aparece em mais 25% dos dados; foi registrada em menos de 25% dos dados em Florianópolis e Porto Alegre.

Em diferentes porcentagens, nas cinco regiões do Brasil, o ‘R retroflexo’ se manifesta. Conforme destacado nos parágrafos anteriores, todos os estados das regiões Sul e Centro-Oeste apresentam tal variante, diferentemente do Sudeste, onde essa variante só não foi registrada no Espírito Santo. Nas regiões Norte e Nordeste o ‘R retroflexo’ foi elicitado somente nos estados do Pará, da Paraíba, do Sergipe e da Bahia.

Em síntese, nesta seção, buscamos demonstrar a distribuição diatópica do ‘R caipira’ em capitais e em não-capitais, segundo estudos realizados sob perspectivas teórico-metodológicas diversas e comprovar, assim, sua vitalidade no Português falado no Brasil.

Percepção, crenças e atitudes linguísticas: breves considerações

Tendo como berço a Psicologia Social (Lambert & Lambert, 1972), o estudo de crenças e atitudes vem ganhando espaço nos estudos linguísticos, visando investigar os julgamentos e avaliações que falantes, muitas vezes inconscientemente, fazem acerca de variantes linguísticas da própria fala ou da fala do outro.

Dentre as formas existentes para coleta de tais dados, destacamos a pioneira, o teste *Matched guise* (teste de falsos pares), que se tornou referência e modelo para estudos acerca das crenças e atitudes linguísticas (Lambert et al., 1960; Lambert & Lambert, 1972). Neste, os informantes eram expostos a cinco pares de áudios, que reproduziam o mesmo texto, em português e em francês; cada par gravado pelo mesmo falante. Após a oitiva, os informantes atribuíram notas de zero a seis, organizados de maneira escalar, sendo ‘zero’, pouquíssimo, e seis, ‘bastante’; a 14 traços⁵, que caracterizariam os áudios.

⁴ Sobre a presença/ausência do rótico em coda externa em nomes e em verbos, ver as cartas F04-C1, F04-C2, F04-C3 e F04-C4 do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso et al., 2014).

⁵ São eles: altura, boa aparência, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, digno de confiança, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter, capacidade de ser agradável (Lambert et al., 1960).

A partir da versão inicial, adaptações foram feitas, a fim de sanar questões que podem ocasionar inconsistência nos dados, como a falta de naturalidade dos áudios utilizados como estímulo, por exemplo. A respeito disso, Huygens e Vaughan (1983) optaram por não utilizar, em sua pesquisa, estímulos gravados pelo mesmo falante, mas sim áudios de falantes diferentes, discursando naturalmente em sua língua materna. Essa adaptação deu origem a um modelo distinto de teste, nomeada por Garret (2010) como *Verbal Guise Test*. Neste, serão avaliadas “[...] as atitudes inconscientes, ou o nível implícito da consciência, mediante a audição de estímulos provenientes de diferentes falantes, diferentemente, do *test matched guise* em que um único falante realiza as diferentes variantes sob a ideia de disfarces” (Fonseca et al., 2022, p. 258).

A partir da análise de elementos como esses, torna-se possível avaliar quais percepções os informantes têm, isto é, as ‘crenças’ existentes no imaginário dos falantes, acerca do falar daquele indivíduo, entendendo-se que as crenças são “[...] julgamentos e avaliações socialmente construídos, feitos sobre nós mesmos ou sobre o mundo que nos rodeia” (Yero, 2010, p. 28). A partir delas, os falantes podem assumir uma atitude positiva ou negativa perante uma variante específica, sendo a ‘atitude linguística’, portanto, uma “[...] manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade” (Moreno-Fernández, 2009, p. 177).

Quando se refere ao próprio falar, o tipo de atitude demonstrada pelo falante evidenciará seu nível de segurança linguística: ele pode mostrar-se seguro quando é usuário da forma de prestígio, ou inseguro, quando não o é.

Acerca de segurança linguística, Calvet (2002, p. 72) esclarece:

[...] Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

Em outras palavras, quando um falante manifesta uma atitude positiva em relação ao seu modo de falar, diz-se que ele é seguro linguisticamente; no entanto, quando demonstra atitude negativa, de vergonha ou rechaço, ele mostra-se inseguro. Dessa forma, se o informante apresenta crenças e atitude positivas sobre determinado falar, ele provavelmente é mais receptivo tanto à fala como ao grupo a que o outro pertence.

As relações intergrupais decorrentes dessas interações evidenciam que pode haver um favoritismo exogrupal por parte do grupo de baixo *status* e, em contrapartida, grupos de alto *status* podem produzir maior diferenciação intergrupala e maior grau de discriminação, conforme explica Tajfel (1984), acerca da homogeneidade das percepções e condutas de um grupo. Torna-se possível, pois, entender o motivo pelo qual um falante opta, mesmo que inconscientemente, por uma forma em detrimento de outra (López Morales, 2004), por vezes estereotipada, a fim de se sentir aceito pelo grupo que considera como de maior prestígio.

Procedimentos metodológicos

O presente trabalho foi desenvolvido com base nos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Labov, 2006, 2008; Tarallo, 2006), em especial nos estudos acerca de crenças e atitudes linguísticas (Lambert & Lambert, 1972; López Morales, 2004).

O *corpus* foi coletado por meio da aplicação de um questionário *on-line* a 40 informantes do Paraná e do Maranhão, divididos igualmente entre os estados. Dessa forma, no Paraná, foram considerados dois informantes de cada uma das dez mesorregiões (Noroeste, Centro-Oeste, Norte Central, Norte Pioneiro, Centro Oriental, Oeste, Sudoeste, Centro-sul, Sudeste e Região Metropolitana de Curitiba). Já no Maranhão, foram considerados quatro informantes de cada uma das cinco mesorregiões (Leste, Oeste, Norte, Sul e Centro). Os informantes variam entre pessoas do sexo feminino e masculino, naturais e residentes dos estados selecionados, com idade entre 20 e 50 anos, de nível de escolaridade médio ou superior.

A escolha do estado do Paraná se explica por ser uma área da região Sul do Brasil, onde a predominância do ‘R retroflexo’ foi comprovada por vários estudos (Mercer, 1993; Koch et al., 2011; Aguilera, 2012; Silva, 2012, 2016) entre outros. O Maranhão, por sua vez, foi selecionado por ser um estado da Região Nordeste utente da variante glotal, onde não se registra, até o momento, o ‘R caipira’, nem em sua área e nem nas adjacências. Além disso, os dois estados têm, em suas histórias, distintas frentes de ocupação: o primeiro marcado pelo Bandeirismo e Tropeirismo – sendo os bandeirantes o provável grupo que introduziu o ‘R retroflexo’ ao PB –, concentrado no eixo sul-sudeste do Brasil, e o segundo, povoado principalmente por imigrantes da seca, vindos das demais regiões do Nordeste. Portanto, trata-se de grupos que tiveram

influências de diversas culturas, economias, crenças, ideologias e juízos de valor que, conseqüentemente, transformaram a linguagem humana.

Considerando que nosso objetivo principal é investigar crenças e atitudes de falantes maranhenses e paranaenses acerca do uso do R caipira (retroflexo) e do glotal, elaboramos um questionário de acordo com a modalidade de estímulos para percepção *Verbal Guise*, com base nos preceitos teórico-metodológicos de Lambert e Lambert (1972). O teste é composto por dois áudios do mesmo texto – proferido por dois homens de idade aproximada: um falante paranaense, cuja fala é marcada pelo R retroflexo, e outro, por um maranhense, cujo falar tem como característica o R glotal. O texto, que se refere a uma receita culinária, contém palavras que possibilitam a realização de R em coda silábica, tanto no interior do vocábulo, como no final. A seguir, a transcrição do áudio, com a marcação dos róticos relevantes para a pesquisa:

A primeira coisa que eu vou fazer, eu vou misturar aqui a água com vinagre, e aí eu vou fatiar o jiló. Fatias razoáveis, tá? Ó, porque a gente vai fritar e a gente não quer que despedace. Tá espetáculo esse jiló aqui, hein? As pontinhas cê deixa pra refogar depois, tá? Faz um refogadinho com arroz. Pra ficar bacana, a parte mais intermediária. Isso aqui, eu vou fatiar todo ele e vou por aqui; e isso aqui vai ficar de molho por, mais ou menos meia hora, pra diminuir o amargor. Ele vai continuar amargo e, quem gosta de jiló, tem que gostar de coisa amarga, que é o meu caso, mas também amargo demais é remédio, né? Tem que ter o amarguinho e tem que ter aquele leve adocicado. Então, eu vou fatiar todo ele, e ele vai ficar meia hora, de molho, na água com vinagre.

Para cada áudio, há uma seção de perguntas, elaboradas com base na classificação estabelecida por Lambert e Lambert (1972), retomada por Sancho Pascual (2013)⁶, a qual utilizamos como subsídio para elaboração do questionário. Assim, organizamos logicamente pares de adjetivos em três categorias: Competência Pessoal ('inteligente/tonto'; 'seguro de si/inseguro'; 'trabalhador/preguiçoso'; 'culto/ignorante'), Integridade Pessoal ('honesto/desonesto'; 'egoísta/generoso'; 'simples/convencido'; 'sincero/falso') e Relação Social ('falante/calado'; 'simpático/antipático'; 'da cidade/do campo'; 'religioso/leigo'). Cada seção é composta por quatro escalas de diferenciação semântica (Gómez Molina, 1998 apud Sancho Pascual, 2013), com quatro níveis, formadas por adjetivos opostos, que obedecem à seguinte estrutura: 'A → pouco A → pouco B → B', sendo A o adjetivo considerado positivo e o B, negativo⁷.

Ao final da aplicação das escalas, o informante deveria escolher cinco adjetivos, dentre dezesseis opções – divididas igualmente entre positivas e negativas – para caracterizar o falante, conforme demonstra a Tabela 1. Vale ressaltar que, para a seleção dos adjetivos, utilizamos como base as três categorias semânticas citadas.

Tabela 1. Adjetivos a serem selecionados pelos informantes para caracterizar os falantes dos áudios 1 e 2.

Adjetivos Positivos		Adjetivos Negativos	
Empreendedor	Responsável	Preguiçoso	Irresponsável
Rico	Flexível	Pobre	Teimoso
Econômico	Divertido	Gastador	Chato
Alegre	Educado	Triste	Mal-educado

Fonte: Elaborado pelos autores com adaptações do método de Lambert e Lambert (1972).

Após a aplicação dos testes, foi realizada a seleção dos dados coletados, a organização em tabelas e a rodada no programa computacional *IBM SPSS Statistics 22*⁸, que permitiu observar a frequência de cada nível da escala nos dois estados relacionada ao total absoluto, ao total por localidade e ao total por escala. Com base nesses procedimentos, na próxima seção, apresentamos a análise dos dados obtidos.

Análise dos dados

Organizamos este tópico de análise da seguinte maneira: primeiramente, explanamos sobre os dados referentes às escalas de diferencial semântico relacionadas aos áudios 1 e 2 e, posteriormente, tratamos dos resultados da segunda etapa, que concerne à atribuição de adjetivos valorativos de forma randômica aos áudios, sem o uso de escalas.

⁶ O questionário aplicado por Sancho Pascual (2013), na investigação de atitudes linguísticas da população equatoriana residente em Madri, acerca de sua própria variedade e a variedade madrilenha, serviu como subsídio metodológico para a elaboração do nosso próprio instrumento de pesquisa. Este é formado por 37 escalas de diferencial semântico, cada uma com sete pontos, nos quais as extremidades são adjetivos opostos. Os 37 pares de adjetivos foram classificados segundo Lambert e Lambert (1972), entre as categorias Competência Pessoal, Integridade Pessoal e Relações Sociais. Dentre os pares, selecionamos doze para compor nosso questionário.

⁷ Com exceção dos pares 'do campo-da cidade' e 'leigo-religioso', que não se constituem apenas como dois extremos, pois, as conotações negativa e positiva são relativas para cada indivíduo/comunidade.

⁸ O *IBM SPSS Statistics* 'é um' programa de estatística comumente utilizado na área de Ciências Sociais, que permite a entrada e análise de dados para execução de funções estatísticas, como variação, frequência, estatística analítica (Nagaiah & Ayyanar, 2016).

Primeira etapa: Escalas de Diferencial Semântico

Os dados relativos à primeira etapa do teste foram obtidos por meio da aplicação de Escalas de Diferencial Semântico, formadas por pares de adjetivos opostos divididos em três categorias: Competência Pessoal, Integridade Pessoal e Relação Social; compostas por quatro níveis: A → pouco A → pouco B → B, sendo A o adjetivo considerado positivo e o B, negativo. Por meio da rodada dos dados no programa *IBM SPSS Statistics 22*, obtivemos as médias que correspondem às respostas dos informantes. Nestas, os pares em que o adjetivo A, de qualidade positiva, prevalece, são os que têm média alta, situada entre 3 e 4; e os de média mais baixa, entre 1 e 2, referem-se à maior incidência dos adjetivos negativos.

Apresentamos as médias nas Tabelas 2 e 3, sendo uma para cada grupo de informantes, dispostas em ordem decrescente, de modo que as médias mais altas, que indicam maior incidência de adjetivos positivos, estão no topo e, ao fim, encontram-se as médias que demonstram maior recorrência de adjetivos negativos⁹. Assim, ambas as tabelas permitem observar as reações dos maranhenses e dos paranaenses entrevistados acerca dos áudios 1 (voz maranhense) e 2 (voz paranaense).

Tabela 2. Médias obtidas com base nas escalas de diferencial semântico referentes aos áudios 1 e 2, aplicadas a informantes paranaenses.

Informantes Paranaenses			
ÁUDIO 1 - (voz maranhense)		ÁUDIO 2 - (voz paranaense)	
calado - falante	3,80	falso - sincero	4,00
falso - sincero	3,65	calado - falante	3,90
convencido - simples	3,65	tonto - inteligente	3,80
tonto - inteligente	3,60	inseguro - seguro de si	3,80
antipático - simpático	3,45	preguiçoso - trabalhador	3,70
ignorante - culto	3,45	desonesto - honesto	3,70
preguiçoso - trabalhador	3,35	ignorante - culto	3,45
inseguro - seguro de si	3,30	egoísta - generoso	3,42
desonesto - honesto	2,90	antipático - simpático	3,35
do campo - da cidade	2,85	convencido - simples	2,79
leigo - religioso	2,50	do campo - da cidade	2,75
egoísta - generoso	2,45	leigo - religioso	2,65
Média Geral	3,24	Média Geral	3,44

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do *corpus*.

Tabela 3. Médias obtidas com base nas escalas de diferencial semântico referentes aos áudios 1 e 2, aplicadas a informantes maranhenses.

Informantes Maranhenses			
ÁUDIO 1 - (voz maranhense)		ÁUDIO 2 - (voz paranaense)	
falso - sincero	3,85	falso - sincero	3,80
convencido - simples	3,75	calado - falante	3,75
tonto - inteligente	3,75	convencido - simples	3,75
egoísta - generoso	3,75	antipático - simpático	3,70
antipático - simpático	3,70	desonesto - honesto	3,70
preguiçoso - trabalhador	3,65	tonto - inteligente	3,65
ignorante - culto	3,60	preguiçoso - trabalhador	3,65
calado - falante	3,50	egoísta - generoso	3,65
inseguro - seguro de si	3,50	inseguro - seguro de si	3,55
desonesto - honesto	3,40	ignorante - culto	3,50
do campo - da cidade	3,20	leigo - religioso	2,80
leigo - religioso	2,85	do campo - da cidade	2,60
Média geral	3,54	Média Geral	3,50

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do *corpus*.

De modo geral, observamos que, majoritariamente, as médias referentes aos testes aplicados a paranaenses estão situadas entre os números 3 e 4, demonstrando que esse grupo de informantes atribuiu mais características positivas aos dois falares. No entanto, tenderam a uma discreta valorização do próprio falar em detrimento do falar do outro, uma vez que o áudio 2 teve pontuações mais elevadas, com média geral de 3,44, contra 3,24 para o falar maranhense. As médias mais altas para o áudio 2 estão entre 3,80 e 4,00 que correspondem aos adjetivos 'sincero', 'falante', 'inteligente e seguro de si'; enquanto as médias para o áudio 1 estão situadas entre 3,80 e 3,60, correspondendo aos adjetivos 'falante', 'sincero', 'simples' e 'inteligente'.

⁹ Neste artigo não serão discutidas possíveis definições dos pares de adjetivos 'positivos' e 'negativos'.

Diferentemente do grupo de informantes do Paraná, os maranhenses (Tabela 2) valoraram as duas vozes de forma positiva e levemente equilibrada, sendo a média das pontuações para a voz paranaense 3,50 e para a maranhense, 3,54. Esse equilíbrio também é evidenciado ao comparar as pontuações mais altas para cada áudio: para o seu próprio falar, as pontuações entre 3,75 e 3,85 correspondem aos adjetivos ‘sincero’, ‘simples’, ‘inteligente’ e ‘generoso’; e para o falar paranaense, médias entre 3,7 e 3,8, correspondem aos adjetivos ‘sincero’, ‘falante’, ‘simples’ e ‘simpático’. Ou seja, não há diferença significativa entre a avaliação feita para os dois áudios, cuja diferença resultante da rodada de dados obtidos no programa *IBM SPSS Statistics 22* nos leva a inferir que esses podem ser menos críticos e/ou talvez menos conscientes linguisticamente. No entanto, a menor pontuação registrada para o áudio 2, conforme mostra a Tabela 2, é para o par de adjetivos *do campo - da cidade*, sinalizando, para uma comunidade não-usuária do R retroflexo, um falar caracterizado como rural e menos urbano, talvez, caipira.

Além da visualização geral dos dados por meio das tabelas citadas, dividimos as médias obtidas por categoria semântica, a fim de possibilitar uma análise mais acurada dos dados. A Figura 2 refere-se às escalas da categoria Competência Pessoal.

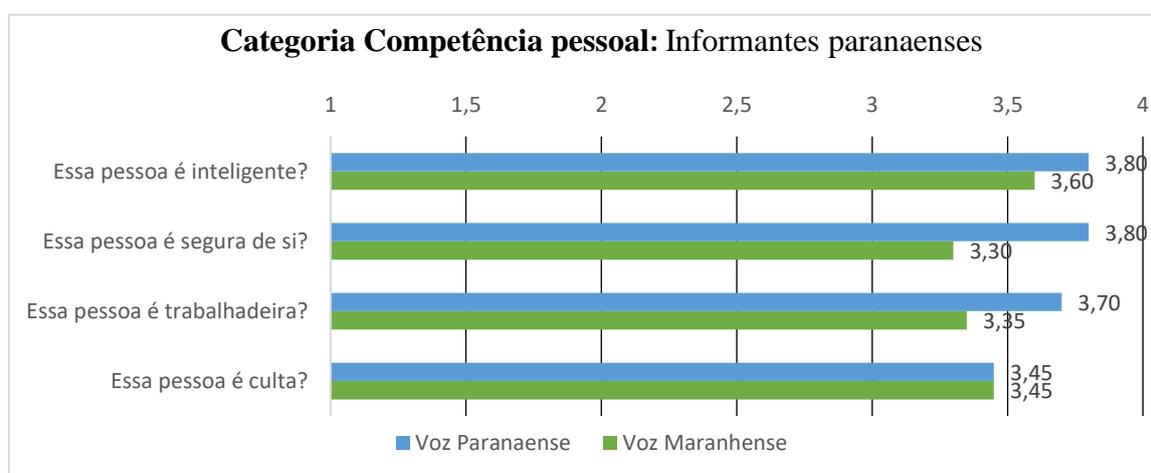


Figura 2. Médias referentes às escalas da categoria Competência Pessoal para os áudios 1 e 2, informantes paranaenses.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do *corpus*.

No que diz respeito aos pares de adjetivos relativos à competência pessoal, notamos que os informantes paranaenses avaliaram mais positivamente o seu próprio falar, indicando maior autoaceitação e segurança linguística ao atribuírem à sua fala, com mais frequência, os adjetivos ‘inteligente’, ‘seguro de si’ e ‘trabalhador’. O adjetivo ‘culto’, no entanto, teve a mesma pontuação para os dois áudios. O par de adjetivos que se destaca por apresentar maior diferença (0,5) entre os dois falares é ‘inseguro – seguro de si’, este último atribuído mais vezes ao falar paranaense. A diferença entre as médias gerais dessa categoria quanto aos dados dos informantes paranaenses, é relevante: para voz paranaense: 3,68, para a maranhense, 3,42, fato que corrobora a asserção inicial de que os paranaenses valorizam mais seu próprio falar, em detrimento do falar do outro, o que pode ser uma evidência de que se consideram um grupo de maior *status* social.

Em contrapartida, os informantes maranhenses (Figura 3) atribuíram adjetivos positivos aos dois áudios de forma mais similar, de modo que a maior diferença entre médias é de 0,1, que se refere aos pares de adjetivos ‘tonto-inteligente’ e ‘leigo-culto’, recebendo os maranhenses uma pontuação maior. Além disso, diferentemente dos paranaenses, que se consideraram mais ‘trabalhadores’, os maranhenses atribuíram esse adjetivo igualmente para os dois áudios. Interessante destacar ainda que o par ‘inseguro-seguro de si’, que apresentou maior diferença de médias na Figura 2, favorecendo o falar paranaense, foi o único dessa categoria em que a média foi maior para o falar do outro, isto é, assim como os informantes paranaenses, os maranhenses também acreditam que os paranaenses são mais seguros de si¹⁰.

Observando a Figura 4 nota-se significativa diferença de pontuação, sobretudo entre os três primeiros pares de adjetivos: os dois primeiros, ‘desonesto-honesto’ e ‘avarento-generoso’, apontam de forma mais positiva o áudio 2, falar paranaense, sendo estes considerados mais honestos e generosos pelo próprio grupo de falantes; no entanto, as médias do terceiro par, ‘convencido-simples’, evidenciam que paranaenses consideram maranhenses

¹⁰ É importante ressaltar que o objetivo deste trabalho não incluía dados prosódicos.

mais simples do que os de sua própria comunidade. Isso pode estar relacionado à possibilidade de esse adjetivo ter sido interpretado de forma negativa, diferentemente do que foi idealizado na elaboração do teste.

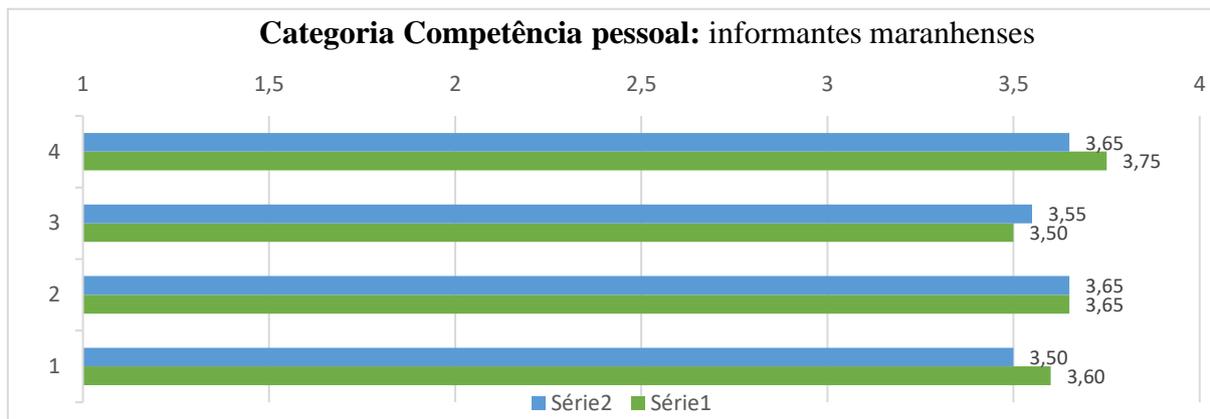


Figura 3. Médias referentes às escalas da categoria Competência Pessoal para os áudios 1 e 2, informantes maranhenses. Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

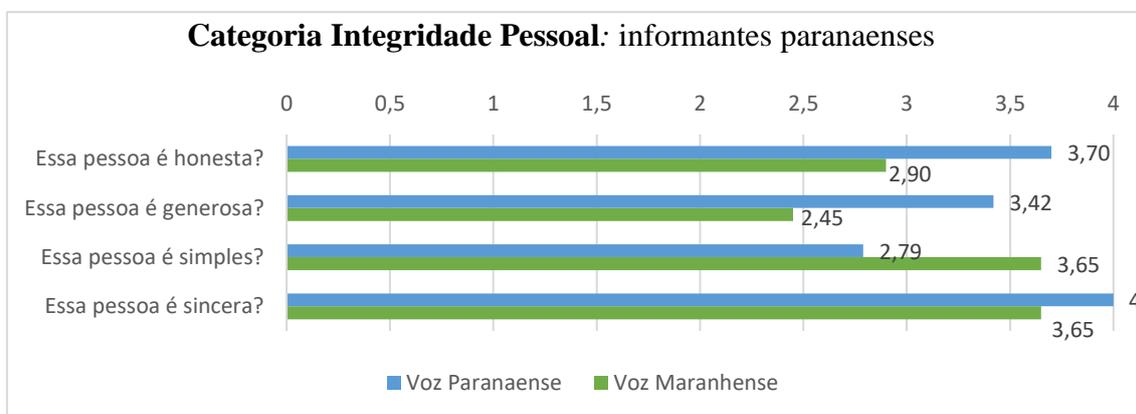


Figura 4. Médias referentes às escalas da categoria Integridade Pessoal para os áudios 1 e 2, informantes paranaenses. Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

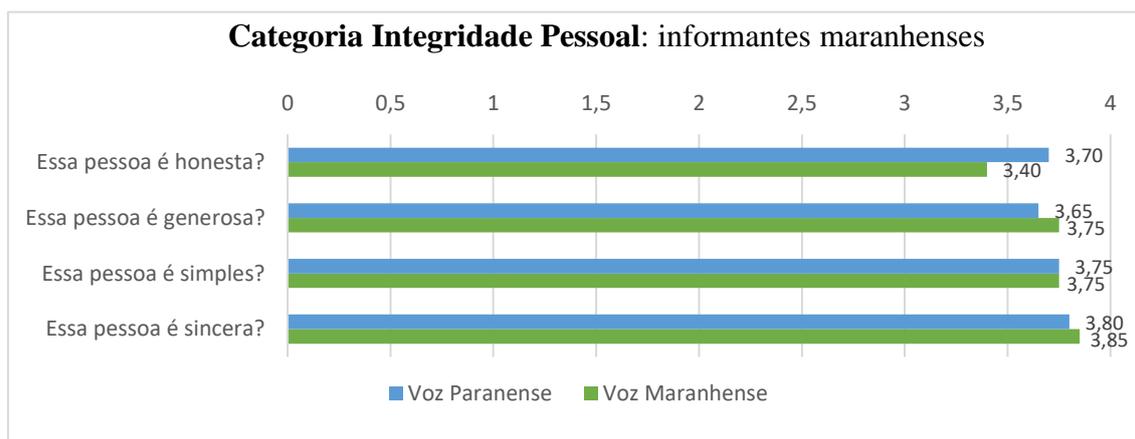


Figura 5. Médias referentes às escalas da categoria Integridade Pessoal para os áudios 1 e 2, informantes maranhenses. Prova t. Significação.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

Por outro lado, as médias, obtidas por meio do teste aplicado a informantes maranhenses referentes à categoria Integridade Pessoal, são mais equilibradas (Figura 5). A voz maranhense é apontada pelos informantes dessa mesma localidade como de alguém mais ‘generoso’ – média 3,75, contra 3,65 para a voz paranaense – e ‘sincero’ – 3,85, contra 3,80 para o áudio 2 – voz paranaense. Quanto ao primeiro par mencionado, as médias aproximadas/similares quando comparadas aos dados dos informantes do Paraná, cuja

diferença é de 0,97 na escala que se refere à generosidade, mostram que paranaenses acreditam com mais veemência que são mais generosos que maranhenses, assim como acreditam que são mais simples do que o segundo grupo, diferentemente dos maranhenses, que atribuem a mesma média para os dois áudios no que tange à simplicidade. Além disso, maranhenses julgaram a voz paranaense como de alguém mais honesto do que a voz que representa seu próprio falar.

Outro aspecto que vale destacar é a diferença de pontuação do terceiro par de adjetivos, ‘convencido-simples’, em relação aos demais da categoria. As médias obtidas para a voz paranaense indicam que os maranhenses, mais que os próprios paranaenses, percebem a voz do áudio 2 como de uma pessoa simples. Além da interpretação negativa, citada anteriormente, o adjetivo pode ter sido relacionado à simplicidade da vida rural, por se tratar de um falar caipira. Além disso, os informantes do Maranhão, mais do que os próprios paranaenses, consideraram, com maior frequência, o falante do áudio 2 alguém generoso.

A categoria Relações Sociais se destacou por ter pontuações abaixo de 3 tanto para a voz paranaense como para a maranhense, dadas pelos dois grupos de informantes. As escalas que evidenciam isso são as dos pares ‘do campo-da cidade’ e ‘leigo-religioso’.

De acordo com a Figura 6, os paranaenses se consideram mais falantes e mais religiosos que os maranhenses, porém com apenas uma leve diferença entre os dois grupos; e apontaram o falar maranhense como de uma pessoa mais simpática e mais urbana do que a do falante do Áudio 2. Isso demonstra que, apesar de atribuírem diversas características positivas ao seu próprio falar, os paranaenses ainda consideram seu falar como menos urbano, além de julgarem o outro como mais simpático. Assim, inferimos que o falar, que tem o rótico retroflexo como característico, ainda é considerado rural.

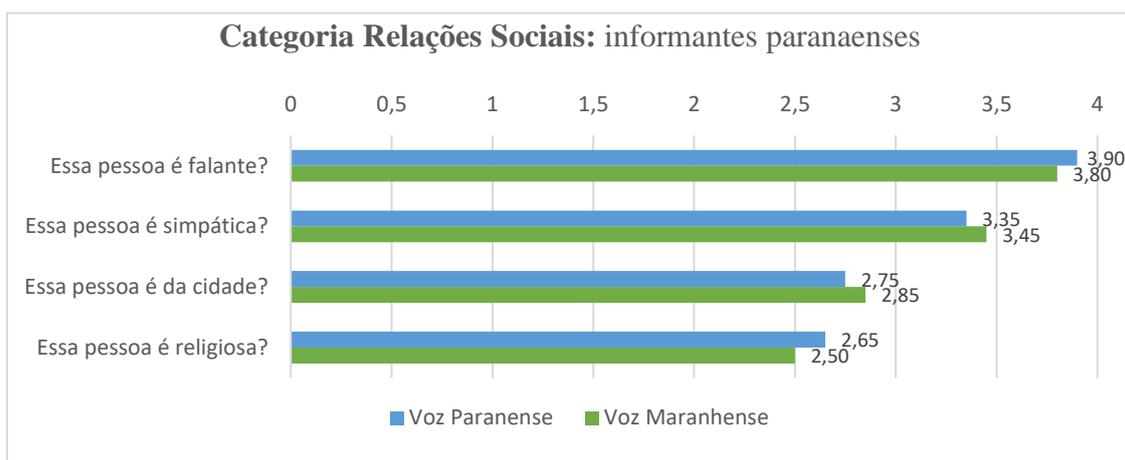


Figura 6. Médias referentes às escalas da categoria Relações Sociais para os áudios 1 e 2, informantes paranaenses.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do *corpus*.

Vale destacar que ser caracterizado como falar do campo não necessariamente carrega uma conotação negativa, pois, conforme afirma Labov (2008), a rotulação de um estereótipo depende da sociedade na qual a variedade linguística está inserida. Além disso, as pontuações para o falar paranaense foram altas, em sua maioria, estando entre 3 e 4, sinalizando que a identidade rural, ou caipira, é, para eles, positiva.

Quanto ao par ‘do campo-da cidade’, os maranhenses, assim como os paranaenses, consideraram o falante do áudio 1, que representa seu próprio falar, como alguém mais urbano, porém a diferença entre as médias neste grupo foi mais significativa (0,6 pontos). Isso mostra um ponto de convergência entre os dois grupos de informantes, que partilham da mesma crença: a fala paranaense é mais rural do que a maranhense.

Como pode ser notado, a maioria dos informantes do Maranhão e do Paraná considera o falante do áudio 01 vivente na cidade, ou seja, zona urbana. Contudo, há uma alta porcentagem de paranaenses os quais acreditam que o falante pertença ao campo, ou tenha influência desse local. Em contrapartida, os maranhenses, em sua maioria, destacam que os informantes pertencem à cidade e apenas alguns inferem a possível influência do campo.

Na conversa com os informantes, após a realização do teste, muitos afirmaram ter tido dificuldade para respondê-lo, mas que a questão mais fácil dizia respeito aos fatores rural e urbano. Ainda, a Figura 7 evidencia que os maranhenses se consideram mais religiosos, menos falantes e igualmente simpáticos em relação aos falantes do Paraná.

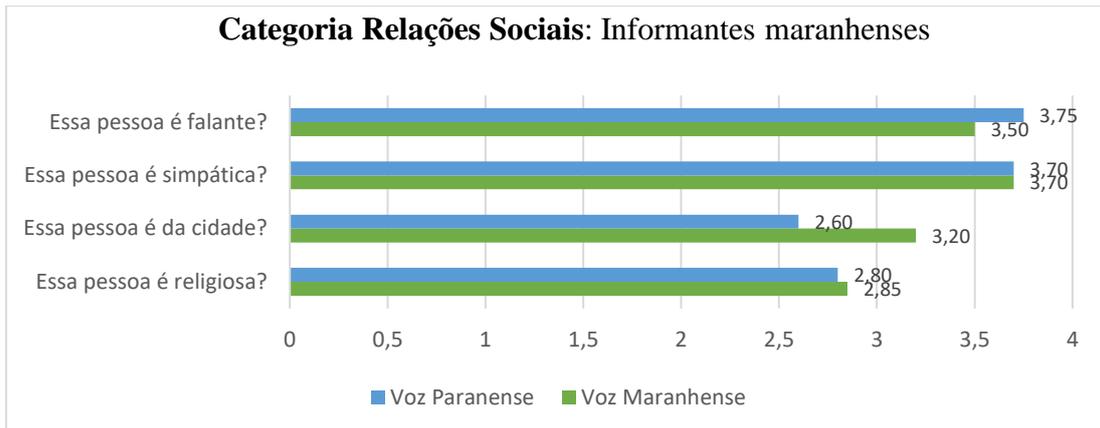


Figura 7. Médias referentes às escalas da categoria Relações Sociais para os áudios 1 e 2, informantes maranhenses.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

Segunda etapa: atribuição de adjetivos aos áudios

Além da avaliação de crenças por meio da escala de diferencial semântico, o teste aplicado aos dois grupos de informantes tinha como segunda etapa a escolha de cinco adjetivos, dentro de um grupo de 16 opções, divididas igualmente entre positivas e negativas para caracterizar os falantes dos áudios 1 e 2. Como para este recorte selecionamos 40 informantes, foram feitas 400 atribuições, 200 para cada grupo de informantes, distribuídas pelas 16 opções, conforme demonstram as Figuras 8 e 9.

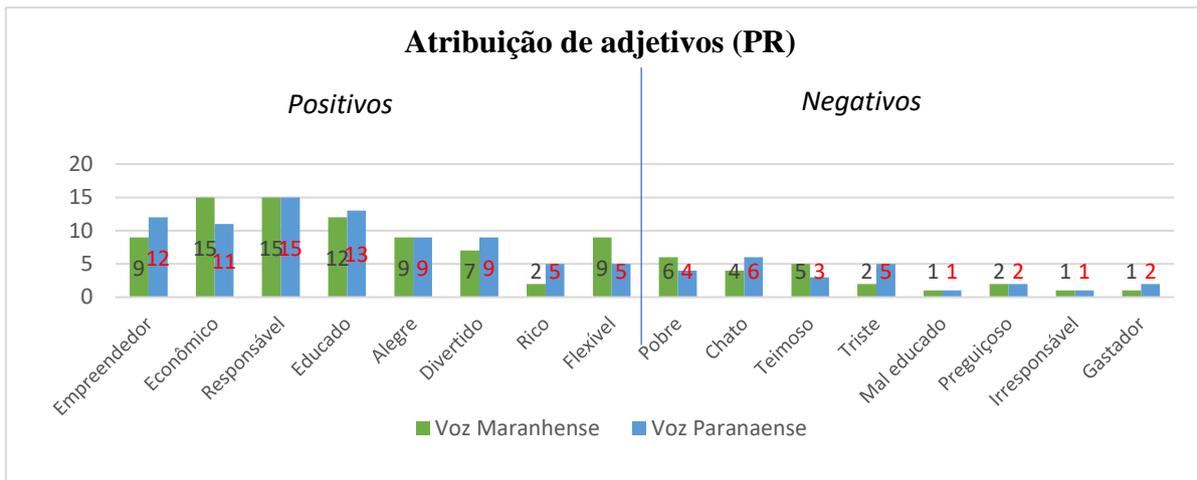


Figura 8. Dados referentes à atribuição randômica de adjetivos aos áudios 1 e 2 pelos informantes paranaenses.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

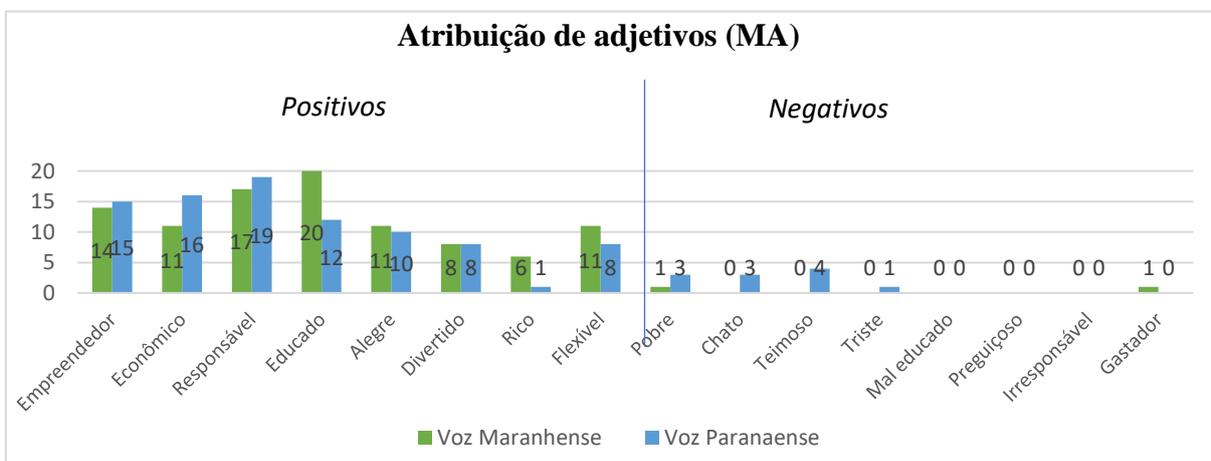


Figura 9. Dados referentes à atribuição randômica de adjetivos aos áudios 1 e 2 pelos informantes maranhenses.

Fonte: Elaborada pelos autores com os dados do corpus.

A Figura 8 mostra que os informantes do Paraná, para a voz maranhense, atribuíram 78 adjetivos positivos e 22 adjetivos negativos; para a paranaense, 79 adjetivos positivos e 21 negativos; distribuição igualitária para os dois falares. Os adjetivos positivos mais referidos para o áudio 1 foram ‘responsável’, ‘educado’ e ‘empreendedor’; e para o 2 foram ‘econômico’, ‘responsável’ e ‘educado’. ‘Econômico’ e ‘responsável’ se encaixam na categoria Integridade Pessoal; ‘empreendedor’, na Competência Pessoal e ‘educado’ na Relações Pessoais.

Dentre as atribuições negativas, os mais votados também foram similares. Para o áudio 1: ‘pobre’, ‘teimoso’ e ‘chato’; para o 2: ‘chato’, ‘triste’ e ‘pobre’. Todos pertencentes à categoria Relações Pessoais.

Os informantes maranhenses, no entanto, elencaram mais adjetivos positivos para os dois falares do que os paranaenses: para o áudio 1, escolheram 98 positivos e dois negativos; e para o áudio 2, 89 positivos e 11 negativos. Assim, para o seu próprio falar, os maranhenses atribuíram nove adjetivos a mais do que para o falar do outro, que recebeu mais características negativas, sendo essa uma distribuição menos igualitária do que a dos informantes do Paraná. Assim como os informantes paranaenses, os maranhenses atribuíram em primazia os mesmos adjetivos para os áudios, porém com frequências diferentes: para o áudio 1, ‘educado’, ‘responsável’ e ‘empreendedor’; e para o 2, ‘responsável’, ‘econômico’ e ‘empreendedor’.

Considerações Finais

Este trabalho apresenta considerações acerca de crenças e atitudes de falantes (paranaenses) usuários e de (maranhenses) não-usuários do rótico retroflexo a partir de um teste de falsos pares, inspirado em Lambert e Lambert (1972) e aplicado via *Google Forms* a 40 informantes. Os informantes foram submetidos a dois áudios com o mesmo conteúdo, mas apresentados por locutores de dois dialetos: um paranaense e outro maranhense.

A partir da audição e das respostas dadas às questões do teste, foram avaliadas três categorias: Competência Pessoal (inteligência, ambição, confiança em si mesmo), Integridade Pessoal (confiança no outro, sinceridade, caráter, amabilidade) e Relação Social (sociabilidade, simpatia, afetividade).

Os resultados obtidos demonstraram que: (i) os paranaenses, apesar de mais críticos nas respostas, valorizam mais o próprio falar; (ii) na categoria Integridade Pessoal, paranaenses destacaram-se por serem mais críticos, fato evidenciado pelas pontuações mais baixas atribuídas principalmente ao falar do outro; (iii) os maranhenses valoraram, positivamente com mais intensidade, o próprio falar, (iv) a maioria dos informantes maranhenses reconheceu o falante do áudio 2, paranaense, como um indivíduo morador da cidade, mas há um número alto de entrevistados que o considerou como um sujeito oriundo ou vivente do campo, o que sinaliza para um possível estereótipo da fala do paranaense, usuário do ‘R retroflexo’ (‘R caipira’).

No que se refere ao número de atribuição de adjetivos aos áudios, os entrevistados de ambas as regiões qualificaram a ‘voz paranaense’ como ‘empreendedora’, ‘responsável’ e ‘chata’. Além disso, os entrevistados paranaenses também a adjetivaram como ‘triste’ e ‘gastadora’, enquanto os maranhenses a qualificaram como ‘pobre’, ‘econômica’ e ‘chata’. A ‘voz maranhense’ é qualificada, por ambos os grupos de entrevistados, como flexível; entretanto, os maranhenses a consideram mais ‘gastadora’, ‘alegre’, ‘rica’ e ‘educada’, diferentemente dos paranaenses, que a qualificaram como ‘pobre’, ‘teimosa’ e ‘econômica’.

Inferimos, portanto, que a variante R caipira caminha para uma ressignificação dado que a variante, sobre a qual crenças majoritariamente negativas pairavam, está sendo mais bem aceita em sociedade, principalmente por seus próprios falantes, conforme demonstram nossos resultados, com a maior atribuição de adjetivos positivos para esse falar por parte dos próprios paranaenses, o que aponta segurança linguística. Além disso, estes se comportaram como o grupo de maior prestígio social, pois foram mais críticos em relação ao falar do outro, enquanto os maranhenses mostraram maior receptividade ao falar paranaense, demonstrando maior aceitação do falar ‘caipira’.

Reconhecemos que ainda há muito a explorar em relação às crenças e atitudes acerca do R retroflexo, no entanto, esperamos que esta pesquisa abra caminhos para novas investigações que possam contribuir ainda mais para a compreensão da variedade brasileira da língua portuguesa.

Referências

- Aguilera, V. A. (1994). *Atlas linguístico do Paraná*. Imprensa Oficial do Estado.
- Aguilera, V. A. (2012) O /r/caipira está ganhando status? O que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil coletados no Paraná. *Papéis (UFMS)*, 16, 13-26.

- Aguilera, V. A., & Silva, H. C. (2011). Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas linguístico do Brasil. *Revista Diadorim*, 8, 125-142. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7962>
- Aguilera, V. A., Castro, V., & Kailer, D. A. (2023). Os róticos em coda externa e interna. In J. A. Mota, S. S. C. Ribeiro, & J. M. Oliveira. *Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas* (Vol. 3, pp. 77-98). Eduel.
- Amaral, A. (1920). *O dialeto caipira*. HUCITEC; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
- Botassini, J. O. M. (2013). *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Londrina].
- Brandão, S. F. (2007). Nas trilhas do R – Retroflexo. *Signum: Estudos da Linguagem*, 10(20), 265-283. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2007v10n2p265>
- Calvet, L.-J. (2002). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Parábola.
- Cardoso, S. A. M. S., Mota, J. A., Aguilera, V. A., Aragão, M. S. S., Isquerdo, A. N., Rasky, A., Margotti, F. W., & Altenhofen, C. V. (2014). *Atlas linguístico do Brasil*. Eduel.
- Castro, V. S. (2006). *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas].
- Castro, V. S. (2012). Revisitando o Atlas linguístico do Paraná (ALPR) - um estudo do r caipira. In F. C. Altino (Org.), *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera* (pp. 251-271). Midiograf.
- Flach, L. (2012). O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. *Gestão & Planejamento*, 13(3), 499-514. <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/1197>
- Fonseca, A. U., Mozzilo, I., & Limberger, B. (2022). Consciência sociolinguística: uma revisão do conceito com base em estudos brasileiros e estrangeiros. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, 16(34), 243-260. <https://doi.org/10.47456/cl.v16i34.38480>
- Garret, P. (2010). *Attitudes to language*. Cambridge University Press.
- Huygens, I., & Vaughan, G. M. (1983). Language attitudes, ethnicity, and social class in New Zealand. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 4(2-3), 207-223.
- Koch, W., Altenhofen, C. V., & Klassmann, M. S. (2011). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – Introdução* (Vol. 1, Cartas Fonéticas e Morfossintáticas). UFRGS.
- Labov, W. (2006). *The social stratification of English in New York City*. Cambridge University Press.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos*. Parábola.
- Lambert, W. W., & Lambert, W. E. (1972). *Psicologia Social* (3a ed.). Zahar.
- Lambert, W. E., Hodgson, R. C., Gardner, R. C., & Fillenbaum, S. (1960). Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60(1), 44-51. <https://doi.org/10.1037/h0044430>
- López Morales, H. (2004). *Sociolingüística* (3a. ed.). Gredos.
- Mercer, J. L. V. (1993). Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS. *ABRALIN*, 14(1), 313-323.
- Moreno-Fernández, F. (2009). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje* (4a. ed.). Ariel.
- Ayyanar, K. (2016). *Software for data analysis in SPSS: On overview. Research Methodology in Library and Information Science*. SSRN. <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4183343>
- Paes, M. H. S. (2014). *A variável (R) em coda silábica medial no Bairro Várzea, em Lagoa Santa-MG* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Picinato, P. B. (2013). *O novo caipira: o olhar do “eu” e do “outro”* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Romano, V. P., & Seabra, R. D. (2014). Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões centro-oeste, sudeste e sul a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil. *Alfa: Revista de Linguística*, 58(2), 463-497. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1405-9>
- Romano, V. P., & Isquerdo, A. N. (2007). *Um estudo rural x urbano na fala do homem urbano: perspectiva geolinguística*. Anais do 5º Encontro Científico do Curso de Letras, Rolândia, PR.
- Sancho Pascual, M. (2013). Identidad y prestigio en las actitudes lingüísticas de la población ecuatoriana en Madrid. *Lengua y Migración*, 5(1), 33-56.

- Silva, H. C. (2012). *O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina].
- Silva, H. C. (2016). *Pelas veredas do /r/ retroflexo* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Londrina].
- Silva, H. C., & Aguilera, V. A. (2014). O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. *Alfa: Revista de Linguística*, 58(3), 703-723. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-8>
- Tajfel, H. (1984). Intergroup relations, social myths and social justice in social psychology. In H. Tajfel (Org.), *The social dimension: European developments in social psychology* (Vol 2, pp. 695-715). Cambridge University Press.
- Tarallo, F. (2006). *A pesquisa sociolinguística* (7a ed.). Ática.
- Yero, J. L. (2010). *Teaching in mind: how teacher thinking shapes education* (2nd ed). Mind Fligth Publishing.